

2067. XI, 3-13 — Carta de D. Antão de Noronha, vice-rei da Índia, para a rainha, a respeito de uma pedra preciosa, elefantes e outras encomendas que lhe fizera. Goa, 1564, Dezembro, 30. — *Papel. 4 folhas. Mau estado.*

Senhora

De Moçambique escrevy a Vossa Alteza por húa nao que aly ache[y] d'emvernada que comfio teraa Noso Senhor levado a salvamento qu[ão] boa viagem m'ele dera ate aquela fortaleza e a todas as naos de my[nha] companhia e tambem me fez merce de ma dar muyto boa ate esta ba[rra] de Guoa onde cheguey com todas as naos juntas a tres de Setembro he o tempo em que cheguão as que trazem boa viagem.

Mas mais b..... achey ho mar do que tenho achado a tera depois que a ela cheguey parece que crecerão ao Gualalym os trabalhos e necessidades tres annos que ha que me desta tera party pera ese reyno de que [a mes]ma tera não tem nhúa culpa porque he a propia que se hia a ser [mas] ho discuido grande que os homens teverão do serviço de Deos e d'elle e do bem comum e concervação deste Estado ho tem posto em grande periguo.

Eu achey ho conde a quem Deos perdoe falecido avya seis meses de mor[te] muy arrebatada. *Mas* dizem que dantes andava jaa mall disposto [dhum] asombramento d'ar qual se deu e por esta causa muy discuidado por quão pouca conta tinha com algũas cousas com que tynha gra[nde] obrigação de ter muita como Vossa Alteza poderaa saber dos q[ue] de quaa vão porque dos mortos não serve escrever faltas nem inda dos vivos emquanto se poder escusar.

Depois do conde falecido se abrirão as socesões e na pymeira sahi eu. *E* porque tenho [por] certo que esta homra e merce me naceo da

vontade que Vos[s]a Alteza sempre teve de ma fazer lhe beijo a mão por ela.

Na s[egun]da sahio João de Mendonça que ficou guovernando que acodio m[e] as cousas da guerra e da justiça do que ho conde por sua ma dis[pozi]ção dizem que fazia bem que as da fazenda del rey tratou co[m]o] (1 v.) sempre fez a sua e dela ser tão mal tratada todos estes tres annos atraz achey eu tantas dividas e necesidades que não creio que as ouve nunca em nhũ tempo maiores porque soo nesta cidade se devem a partes mais de duzentos e cimcoenta mil pardaos e em Cochim sesenta e tantos mil afora ho que se deve nas outras fortalezas como Vosa Alteza podera mandar ver polos cadernos que mando delas. E a maior parte destas ou quasy todas sam de dynheiro fazendas e mantymentos que se tomarão aos homens pera as necesydades del rey e algũa parte seria pera as de quem lhas tomou os quaes andão apos mym que lhas pague não tendo eu com que poder acodir as necesidades presentes senão com dynheiro que busco emprestado pera isso porque não achey hũu soo pardoao na mão dos officiais del rey quando cheguey e a ribeira dos almazens tão desaperebidos e com tanta falta de tudo ho necessario pera as armadas e pera a guera que ate polvara afirmo a Vossa Alteza que não achey de que mando certidões dos officyaes que isto tem a carguo pera se laa saber ho estado em que achey ha tera E ainda he muyto peor ho em que achey os homens porque são muyto maos de contentar por estarem acostumbrados a lhe darem muito da fazenda del rey e recebem mui mal querer eu aguora emmendar este custume e eu recebo pior irem eles de maa vontade a guera e aturarem pouco nelas que ate nos de mais obriguação ha esta falta.

E por tirar os fidalguos e mais gente de muitas despezas desnecessarias que causavão tirarem eles mais com suas importunações pola fazenda del rey pera se sustentarem nelas e a pryncipal era cavalos e jaezes e adereços deles em que dispendião muyto me detremyney a andar a pee e tem aproveitado tanto que pouquos andão jaa a cavallo.

E tambem dou mesa continua aos mesmos fidalguos com que poupo da fazenda del rey ho que m'eles avião de pedir pera sustentarem a meza de sua casa. E esta dou eu a mynha custa e diguo isto porque jaa ouve outros que a derão da fazenda del rey e afirmo a Vossa Alteza que nela e com a despeza de mynha casa guasto todo meu ordenado sem poupar dele nada que eu ey por muy bem empregado pois com ele faço tanto serviço a ell rey e não espero nem ey de trabalhar por procurar fazenda por outro nhũ meio porque todos os ey por empedymentos grandes pera poder fazer ho que devo neste carguo.

(2) Eu achey ho reyno de Cananor de guera que tem dado a este est[ado] muy grande trabalho e descredito polo danno que os mouros tem nesta costa por lhe não irem a pryncipio a mão e lhe não darem castiguo de muitas mortes e roubos que fizerão nesta costa [no] tempo de dom Constantino e do conde pasando cada hũu deles com ho poder

da India polo mesmo reyno de Cananor e a desemulação que então tiverão com eles lhe deu atrevymento a se desaverguonharem mais e nos terem em menos. *E* desejey em estremo por entender que comprya asy d'ir dar este anno no mesmo reyno e polas faltas e necesydades grandes não podese como comvinha ao estado e a nosso credito e deixei a ida pera ho ano que vem pera que me começo jaa de fazer [pres]tes e mandar recolher e ajuntar nos almazeins ho que ha de ser [nece]-saryo pera a armada em que [e]i d[e] (1) ir. *E* traguo este verão na costa [perto] de cyncoenta velas pera a defenderem e guardarem com que tenho grande despeza.

Mas tem os imiguos feito tantos navios de [remo] e andão tão soltos e soberbos que toda esta guarda he necesa[ria] na costa.

E levantou se esta guera d'ua desordem grande [que o] conde mandou fazer em sua vida a estes mouros de Cananor que m[andou] tomar muitas embarquaçõis suas e matar muitos deles que n[avega]vão de paaz e com seguros nosos por se dizer que avia navios [de] ladrões do mesmo reyno de Cananor que roubavão e tomavão [os] nossos e inda que isto fosse asy como me dizem que era não se o[uvera] de tomar a vynguança nos que naveguavão com seguros que foy [mui] grande descredyto nosso e de que se escandalisarão muito estes [reys] nossos vezinhos e como não somos tidos ante eles por homens [de grande] verdade confirmarão esta oppenião que de nos tem com es[te feito] que vyrão mandar fazer ao viso rey da India porque se fez [aqui] com ele e nam se pode emcobrir que não era por seu mandado acontecymento e d'uas tres naos que dom Felippe de Meneses [que foi] por capitão mor ao Estreito laa tomou do Idalcão e do Izamaluco levavão cartazes do conde vyso rey que eles dizem que não te[verão] muyta causa pera as tomar senão fião muito de nos e nos tem [por] homens mais cobiçosos que verdadeyros.

Ho neguoeço da pimenta achey de tão mao expediente como Vos[s]a] Alteza tinha sabido que ele estava os annos pasados e a prynci[pal] causa pera darem os mercadores que a vem buscar por tera naq[uele] sertão de Cochim donde ela nace mais por ela do que lhe [d]ão pezo de Cochim e a quem em sua caza, lhe dão mais por sua fazenda na vay arriscar nem levar fora delas.

Como aquy cheguey desp[achei] (2 v.) loguo João da Fonsequa pera laa muito bem neguoeçado e dey lhe dous ajudadores pera ho neguoeço os mais abeis e suficientes pera isso que avia nesta terra. *Hũu* deles pera Couião que se chama Bernaldo da Fonsequa que jaa aly foy capitão e feitor homem de muita comfyança e experyencia daquela terra e neguoeço e que eu tenho que ha de mandar daly mui boa ajuda pera cargua. *E* o outro foy Pedr'Alvares de Farya pera feitor de Cochim que he

(1) No ms. «queidir».

tambem homem de confiança e de muita abelidade pera aquele negoceo. *E* com a experiencia que João da Fomsequa tem e com ho trabalho e deligencia que niso ha de por e com a boa guarda que traguo na costa e cuidado grande que tenho de tudo o mais que he necessario pera a cargua da pimenta espero em Nosso Senhor que se ha loguo d'emxerguar este anno algũa deferença dos passados e pera ho que vem ey d[e] ir a Cananor e a Cochim pera de mais perto negocear por manha ou por força como for necesario fazerem se melhores cargas daquy por diante do que atequy forão pois importa e compre tanto a fazenda del rey e a seu serviço.

Euu dise algũas vezes a Vossa Alteza depois de me el rey fazer merce de me eleger pera este carguo que avya de ser nele muy malquysto dos homens e que lhe avião de dizer laa muitos males de mym porque quem nesta terra trabalha por servir e contentar el rey não pode deyxar de descontentar aos homens e Vossa Alteza me lembra que me respondeo a isto que fezese eu ho que devia e trabalhase por servir el rey porque por derradeyro a verdade se sabia sempre. *E* porque eu vou jaa vendo polo que tenho felto e faço que he muy deferente do que os outros fazião e [do] a que tynhão acostumbrado os homens que sou jaa hũu dos mais mal[qui]stos que guovernou esta tera e que ão de dizer laa muyto [ma]l de mym os pais e parentes dos fidalguos que quaa andão a quem eu não dou tanto da fazenda del rey como lhe davão os passados nem folguo de favorecer senão os que vão a guera e querem servir e merecer. *E* como ha alguns que isto não fazem e que se fião nos pais e parentes que laa tem não lhe pode parecer bem esta ordem que eu levo polo qual torno a fazer lembrança a Vossa Alteza desta materya em que lhe laa faley porque não duvido que cada hũu trate [d]e mym conforme a paixão ou afeição que me tever. *E* eu não queria que por nhũu destes me julgase Vossa Alteza senão pola verdade sa[bi]da de pesoas de credyto e confiança e desapaixonadas porque louvores a Deos não trato senão de servir el rey e de compryr muito inteiramente com a obriguacão deste cargo de que me emcarreguou.

Vossa Alteza me mandou dar em lembrança algũas cousas que [me] mandava que lhe mandase de quaa e outras pera el rey que erão [dia]mantes sorteados e robis e esmeraldas da mesma maneira [e] hũa soma de perolas e de tudo isto ha aguora muy pouco ou nad[a] nesta tera porque ouve quaa nestes reynos do Idalcão e Bysn[aga] estes annos atraz grandes fomes e não cavarão nas pedreiras dos diamantes.

E por vir do reyno nova que toda a pedrarya estava laa muy abatida não acodir aquy nhũa da outra e inda que ouvera muito de tudo isto comfeco a Vossa Alteza que lhe não pudera mandar nad[a] polas necesydades grandes que quaa achey e polas que passo po[r] falta de dynheiro e as cousas que Vossa Alteza pedia pera el rey [não] ouverão de custar pouco. *Prazeraa* a Deos que daraa melhor te[mpo] e menos necesytado e que poderey mandar a Vossa Alteza estes [que] vem

todas estas cousas. *E* as que me Vossa Alteza mandava [que] lhe mandasse pera sy não deyxão d'ir por falta de dynheyro porque não custavão muyto e achara se por letra como Vossa Alteza mandava que se tomase mas não nas avya na tera nem se puderão achar. *E* dise me João de Pedroza com quem pratiquey e comoniquey is[to] por mo Vossa Alteza mandar asy na lembrança que muitas dest[as] cousas se não fazem jaa como são huns ladrynhos e romãas.

[*O*] outro genero de roupa muito fina que Vossa Alteza pede que [se] fazia no Balaguete nem se podem achar. As cousas da China e de p..... trabalharey por aver como cheguaem naos e embarquações de [laa] os pedaços de cristal tenho mandado buscar a Ceylão donde [re]ceio que não venhão porque não ha aguora laa senão guer[ra e] trabalhos.

Os alyfantes tenho mandado buscar a Jorge de M[ello] de Crasto que estaa em Manar na ponta da ilha de Jafanapa[tam] donde os ha muyto bons e se paguão cad'anno alguns de pareas [a] [el rey] de pouca idade os quaes lh'escrevy que mandase a João da Fo[n]sequa a Cochim pera os mandar nas naos a Vossa Alteza e dist[o] não tenho inda a resposta porque não he tempo de poder vir [mas] tenho por certo que os mandarão. *E* a João da Fomsequa tenh[o] emcomendado muyto que os mande que pera ele não era nece[sario] pois he cousa de serviço de Vossa Alteza.

E ho de dom Costan[tino] que Vossa Alteza mandava na lembrança que lhe fosse achey qu[e se] danara e não prestava pera nada pola qual rezão se ven[de]o] a hũu homem de Baçaym que tem a obra da fortaleza d'empr[eitada] onde (3 v.) aguora estaa e onde me dizem que embravese muitas vezes e que se fez de muy roim condição.

Vossa Alteza me mandou por hũa carta sua que me derão a partida que mandase quaa fazer deligencias sobre saber quem matara Jeronymo Luis Frois seu moço da camara conforme a hũa lembrança que vinha dentro na mesma carta. *E* ho que tenho sabido he que ho matou hũu seu cunhado que he lançado pera a China e Japão polo qual se não pode fazer nada do que na lembrança diz por andar em partes tão remotas e donde parece que não viraa tão cedo pois deve tanto a justiça.

Como não faço fundamento d'acrecentar a fazenda neste carguo porque não pode ser senão por vias que empedem muyto ho serviço del rey qu[e] eu não ey de fazer nem tambem parece rezão indevidar me e entrey nesta tera com nove myl cruzados de divida que guastey em m'aperceber em Lixboa pera esta viagem e parte deles em Moçambique no tempo que aly estive e destes são cimquo mil que me Sua Alteza laa fez merce de me mandar emprestar a conta de meu ordenado pera se quaa descontarem dele e como ho eu despendo todo sem poupar nada dele e não comecey de vencer senão do dia que aquy cheguey em diante não tenho esperança de os poder pagar dele polo qual peço a el rey que me faça merce deles como fez a outros muytos a que laa

mandou dar este dynheyro quando partirão pera quaa e tambem lhe peço me faça merce d'ũa viagem da China pera a poder mandar fazer pois não detremyno de mandar fazer outra nhũa viagem nem ter nhũ modo de trato e porque toda a esperança de me Sua Alteza fazer estas merces tenho em parecer a Vossa Alteza que tenho eu rezão de as requerer e Sua Alteza de mas fazer lhe beyjarey a mão fazer me merce de me ajudar nestes requerymentos porque saiba Vossa Alteza que quem serve este carguo com pouca cobiça que não pode tirar nhũa fazenda dele e que merece ter se conta com ela e fazerem lhe avantajens pera que a necesydade ho não obrigue a deyxar de fazer ho que deve.

Ho arreiio del rey achey muy maltratado em São Framcisco donde estava nuuns cofres que pola umidade ser grande estavam as folhas e as tintas sobre que a pedrarya estaa asentada muy danadas e foy necessario mandar buscar officiaes a Bisnagua pera ho concertarem e lhe porem folhas e tintas de novo na pedrarya maior e mais pryncipal e não se pode acabar pera poder ir est[e] anno mas para [o que] vem Deos querendo iraa e muy bem acabado.

E ey de mandar (4) buscar a Ceylão dous officiaes desta obra de Condana que me dizem que se poderão laa achar e comprar porque sem eles desbaratar se a [este] arreiio muito depreça nese reyno polos ouryves de laa não saber[em] fazer esta obra nem lhe poderaam tornar a por hua pedra se acer[ta]r de cair.

As orfãas que est[e] anno vierão se entregarão a Francisco Diaz que [as] tem em casa que he mui bom homem e que merece aver lhe Vossa Alteza allgũa merce del rey em satisfação do trabalho e despeza que tem com elas. Ele fica agora muy anojado de se casar hũa delas a furto com hũu filho seu e não por amor do filho senão porque ha que perdeo niso homrra e credyto mas eu soube que não tivera niso culpa n[hũa] mas estas orfãas por amor de Deos que as não mande Vossa Alte[za] quaa mais e por amor del rey tambem que lhe guastão sua fazen[da] e custa lhe muito casa las em esta cidade e todas as mais da Ind[ia] estão cheas d'orfãas filhas d'omens fidalguos e omrrados que morrerão em serviço del rey a quem ele tem mais obriguacão d[e] casar e emparar quaa que as que vem dese reino.

Nosso Senhor sua real pesoa e estado por muy longuos annos prospere e aumen[te].

Desta cidade de Guoa a xxx de Dezembro de jb^oLxiiij.

Dom Antam de Noronha

(4 v.) A rainha nossa senhora do viso rey D. Antão de Noronha.

(R. S. C.)